

BOLETIM

INFORMATIVO

A REVISTA DO SISTEMA

SISTEMA FAEP



Ano XXIV nº 1357 - 15/08/2016 a 21/08/2016

Tiragem desta edição 26.000 exemplares



SEGURO RURAL

HORA DE CONSOLIDAR

FLORESTAS

Planejamento é essencial

LOGÍSTICA

Novidades no Canal do Panamá

www.sistemafaep.org.br

Em meio à euforia esportiva que tem envolvido o país nesses dias de Jogos Olímpicos em casa, há outros assuntos correndo por fora. Estamos às vésperas da votação definitiva do processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff, e aproxima-se também o momento em que será submetido ao plenário o pedido de cassação do mandato do deputado Eduardo Cunha. A limpeza ética da política brasileira está em pleno curso. O país, felizmente, não está parado.

De fato, temos algumas razões para otimismo. Embora a economia do país esteja ainda engasgada, temos dado passos para nos livrar de antigos problemas. Um exemplo disso está no Fórum Nacional de Seguro Rural, promovido pela FAEP na semana passada. Nos debates realizados durante aquele dia falou-se muito no aprimoramento desse instrumento, tão necessário para a segurança dos produtores rurais do Brasil. Esses mecanismos estão melhorando, e a federação está contribuindo para sua consolidação.

O Paraná também não para. Está repleto de oportunidades para o produtor rural, e muitas delas estão sendo mapeadas pelo Sistema FAEP/SENAR-PR no levantamento Panorama do Agronegócio, que vem sendo apresentado em uma série de reportagens deste Boletim Informativo. Nesta semana, o tema é a silvicultura, atividade que permitiu ao Estado exportar US\$ 1,5 bilhão no ano passado em produtos de base florestal. É verdade que o preço já foi melhor, mas a demanda por matéria-prima ainda tende a crescer.

Assim prosseguimos, com o setor privado brasileiro comprovando sua competência para atuar mesmo em situações de crise. Nós, brasileiros, somos maiores que os nossos problemas.

Boa leitura!

Índice

Florestas	03
Canal do Panamá	06
Fórum Nacional de Seguro Rural	08
Pecuária Moderna	14
História - Piratas	18
SENAR-PR	20
Biogás	24
Bovinocultura - Eventos	26
Notas	27
Eventos Sindicais	28
Via Rápida	30

Expediente

FAEP - Federação de Agricultura do Estado do Paraná

Presidente: Ágide Meneguette | **Vice-Presidentes:** Guerino Guandalini, Nelson Teodoro de Oliveira, Francisco Carlos do Nascimento, Oradí Caldato, Ivo Pierin Júnior e Paulo Roberto Orso | **Diretores Secretários:** Livaldo Gemin e Mar Sakashita | **Diretores Financeiros:** João Luiz Rodrigues Biscaia e Julio Cesar Meneguetti | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olímpio Santarozza, Lauro Lopes e Ana Thereza da Costa Ribeiro | **Delegados Representantes:** Ágide Meneguette, João Luiz Rodrigues Biscaia, Francisco Carlos do Nascimento e Renato Antônio Fontana

SENAR-PR | Administração Regional do Estado do PR

Conselho Administrativo | Presidente: Ágide Meneguette - FAEP | **Membros Efetivos:** Ademir Mueller - FETAEP; Rosanne Curi Zarattini - SENAR AC, Darci Piana - FECOMÉRCIO e Wilson Thiesen - OCEPAR

Conselho Fiscal: Sebastião Olímpio Santarozza, Paulo José Buso Junior e Marcos Junior Brambilla | **Superintendência:** Humberto Malucelli Neto

Boletim Informativo

Coordenação de Comunicação Social: Cynthia Calderon | **Editor:** Franco Iacomini | **Redação e Revisão:** Hemely Cardoso, André Amorim e Carlos Guimarães Filho | **Projeto Gráfico e Diagramação:** Diogo Figuei

Publicação semanal editada pelas Assessorias de Comunicação Social (ACS) da FAEP e SENAR-PR. Permitida a reprodução total ou parcial. Pede-se citar a fonte.

Fotos da edição 1357: Fernando Santos, Jonathan Campos, Roberto Lemos, Milton Dória, Mauro Frasson, Shutterstock, Divulgação, Arquivo FAEP

Os benefícios da madeira

Pinus e eucalipto, principais espécies nas florestas cultivadas no Paraná, ocupam 1,2 milhão de hectares – quase 6% da área do Estado

Por Hemely Cardoso



O Paraná vem dando novo impulso à atividade florestal, embalado por investimentos industriais e pela alta produtividade no plantio de pinus e eucalipto. Somente em 2015, o Estado exportou US\$ 1,5 bilhão em produtos de base florestal, segundo dados do “Panorama de mercado das principais atividades da agropecuária paranaense”, levantamento desenvolvido por técnicos do Sistema FAEP/SENAR-PR.

De acordo com o engenheiro-agrônomo Werner Hermann Meyer Junior, do Departamento Técnico Econômico (DTE) da FAEP, as projeções são otimistas para os próximos anos devido à demanda dos setores madeireiros, moveleiros, energéticos e de celulose. A expectativa do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) é aumentar a área de florestas de 6 milhões para 9 milhões de hectares até 2020 no Brasil. “Isso poderá reduzir a emissão de 8 milhões a 10 milhões de toneladas de CO² equivalentes no decênio. Está previsto também o avanço na recuperação

de 15 milhões de hectares de áreas degradadas, saindo dos atuais 40 milhões para 55 milhões, reduzindo entre 83 e 104 milhões de toneladas de CO² equivalentes”, explica Werner.

O cultivo de florestas plantadas no Paraná ocupa uma área de 1,2 milhão de hectares entre pinus e eucalipto, cerca de 6% do espaço territorial do Estado. Com uma produção total de 47 milhões de metros cúbicos, segundo o engenheiro-agrônomo Amauri Ferreira Pinto, coordenador estadual do projeto Madeira do Instituto de Pesquisa e Extensão Rural (Emater), a oferta ainda é insuficiente para atender a demanda do próprio Estado, que é de 51 milhões de metros cúbicos. “Para acompanhar a demanda nós precisamos de 2 milhões de hectares de pinus e eucalipto”, observa.

Um dos que apostaram no setor foi o produtor de grãos Raul Speltz, de Telêmaco Borba, na região dos Campos Gerais. Desde 1974, ele cultiva pinus e eucalipto numa área de 1,3 mil hectares. O carro-chefe da produção é a madeira grossa da primeira cultu-

ra, acima de 25 centímetros de diâmetro. Segundo o filho Randy Speltz, que há nove anos trabalha na comercialização de madeiras, hoje a tonelada de pinus está em torno de R\$ 140. Randy explica que a madeira grossa é uma opção mais interessante ao produtor porque a remuneração é mais alta.

Ao mesmo tempo em que há um déficit na produção florestal do Estado, Randy reclama na hora de vender o eucalipto. Em muitas regiões, nos últimos anos, a indústria incentivou o plantio da cultura e muita gente apostou nesse segmento. Dessa forma, provocou o excesso do produto no mercado e, conseqüentemente, pressionou os preços para baixo. “O mercado não está interessante para a comercialização da madeira fina de eucalipto na nossa região.”

A situação é semelhante para o produtor Alessandro Illich, de Guarapuava, região Centro-Sul. Hoje, ele está vendendo a tonelada de eucalipto para a produção de lenha e cavaco por R\$ 80. “Nos últimos dois anos os preços caíram muito, enquanto os custos de produção e logística subiram 30%”, conta. Numa área de 300 hectares, há 15 anos Alessandro investiu no cultivo de pinus e eucalipto para diversificar as atividades na propriedade junto à produção de grãos. Os preços ruins desanimaram o produtor: “Se eu tivesse imaginado como estaria o mercado agora, não teria investido no plantio de florestas.”

Diante desse cenário, o gerente executivo da Associação Paranaense de Empresas de Base Florestal (Apré), Ailson Loper, avalia que o planejamento é essencial para o produtor rural. “Ele deve planejar o que irá produzir e para quem vai vender essa madeira. O produtor pode perder sete anos de investimento com um erro de planejamento”, destaca Loper.

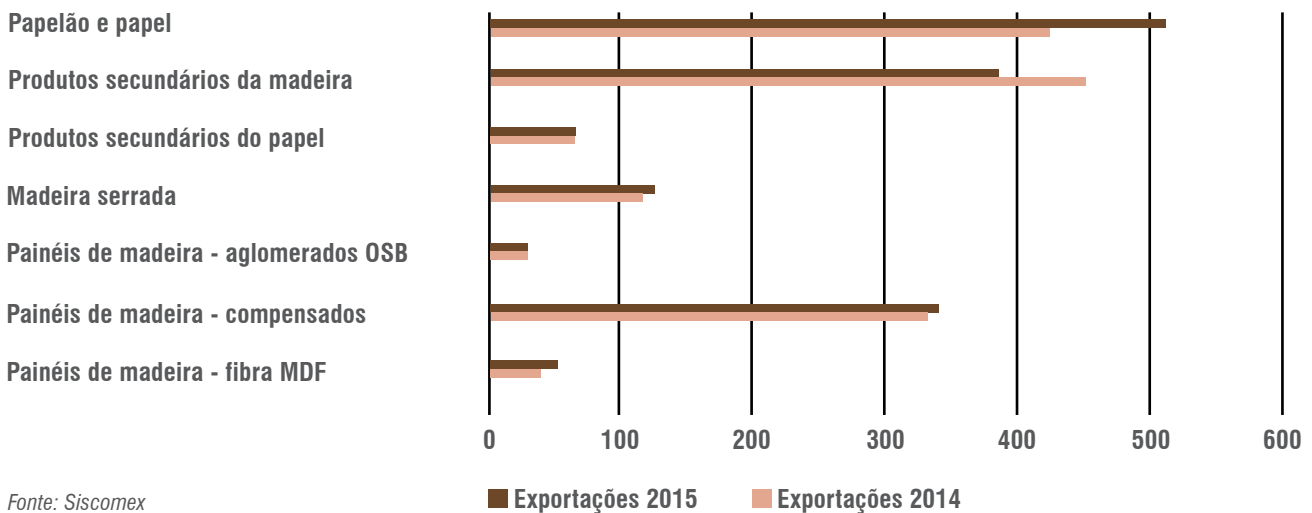
Outra alternativa para o produtor rural, na opinião do engenheiro-agrônomo Amauri, da Emater, é retardar o ma-

nejo e a colheita da floresta, produzindo uma madeira grossa. “Se o preço não estiver bom, o ideal é não vender o produto. Além disso, o mercado está aquecido para madeiras acima de 20 centímetros de diâmetro”, observa.



Raul Speltz e seu filho Randy

Exportações dos produtos florestais pelo Paraná (em milhões de dólares)



Fonte: Siscomex

Integração Pecuária-Floresta



Na propriedade de Ronaldo há integração entre Pecuária e Floresta

Apesar desse cenário, muitos produtores estão viabilizando o plantio de florestas através de sistemas de integração. É o caso do engenheiro florestal Ronaldo Luiz Sella, de Telêmaco Borba, que cultiva 200 hectares de eucalipto e pinus e cria 280 bois. A integração entre as duas atividades começou em 2011, quando Ronaldo decidiu investir na pecuária justamente no momento que ocorreu uma queda na rentabilidade da madeira e o preço da terra estava supervalorizado. “Para me manter na atividade fiz essa integração da floresta com a pecuária”, conta.

Segundo ele, o seu objetivo é produzir madeira com idade média entre 14 e 15 anos e, por enquanto, ainda não está comercializando os produtos, apenas cuidando do manejo das árvores. Ronaldo explica que, para produzir uma tora, por exemplo, o primeiro desbaste é realizado após quatro anos. O segundo é feito depois de seis anos e o terceiro, no oitavo ano. Além dessa técnica no manejo também é feita a desrama, a poda dos galhos das árvores. “A primeira ocorre após um ano e outra durante o segundo ano, com até seis metros de altura.” Quando se trata do investimento no setor de florestas, ele avalia: “Fiz uma análise e vi que a atividade tinha um retorno interessante”.

Energia e emprego

Quase 50% da madeira produzida no Paraná são consumidas com finalidade energética, sendo que a maior demanda é para a secagem de grãos e produção de aves. A maior parte da área plantada concentra-se nas regiões de Ponta Grossa, com 393 mil

hectares plantados, e de Curitiba, incluindo os municípios do Vale do Ribeira e da região Sul, com 200 mil hectares plantados. Do total da área plantada, cerca de 20% são propriedades de um a cinco hectares, administradas por pequenos produtores.

A madeira plantada é o terceiro produto mais exportado do Paraná e responde por 12% de todo o volume embarcado no Brasil, gera 76 mil empregos diretos e 158 mil indiretos no Estado. Embora seja um grande gerador de trabalho e renda, ainda faltam políticas públicas específicas para o setor.

Mais competitivas

As florestas do Paraná estão entre as mais competitivas do mundo, graças a investimentos em pesquisa e melhoramento genético. O rendimento por hectare do pinus pode chegar a 50 metros cúbicos por hectare/ano. Já o eucalipto atinge a 65 metros cúbicos por hectare/ano. Nos Estados Unidos e no Chile, por exemplo, a produtividade é bem menor, de 15 a 20

metros cúbicos por ano.

A vantagem competitiva do Paraná está nos investimentos intensivos em pesquisas para aprimorar o manejo florestal. Por meio dele, é possível gerar madeira com melhor aproveitamento, destinada a vários setores – da energia até a laminação de madeira. Os materiais genéticos obtidos por meio de melhoramento de espécies cultivadas também dão origem a árvores com maior taxa de crescimento e resistência a pragas e à geada e mais qualidade de fibras. Com o crescimento do setor, a expectativa é que o volume de mudas geradas passe de 75 milhões para 115 milhões entre 2016 e 2018.

Klabin, no coração das florestas

O coração da atividade florestal do Paraná bate em Telêmaco Borba, município de 61 mil habitantes na região dos Campos Gerais. Lá, as Indústrias Klabin mantêm desde 1940 uma fábrica de papel e celulose. A economia do município gira em torno do cultivo de florestas, com um Valor Bruto de Produção (VBP) atingiu mais de R\$ 1 bilhão em 2015. No mesmo período, o VBP da soja na localidade foi de R\$ 403,3 mil. Em junho deste ano, a companhia inaugurou uma nova unidade no município de Ortigueira, vizinha a Telêmaco. A fábrica de celulose de Ortigueira está entre as maiores do mundo e exigiu cerca de R\$ 8,5 bilhões em investimentos.

Canal do Panamá visto de dentro

Técnico da FAEP visitou a nova estrutura, constituída de maiores eclusas, que liga os oceanos Atlântico e Pacífico

O engenheiro-agrônomo Nilson Hanke Camargo, do Departamento Técnico Econômico (DTE) da FAEP, visitou, na primeira semana de agosto, o novo Canal do Panamá para conhecer sua nova forma de operação buscando novos meios de escoamento do agronegócio do Sul. Camargo fez parte da equipe de técnicos e jornalistas da Expedição Safra, projeto do jornal *Gazeta do Povo*, que realizou visita técnica as instalações.

O novo Canal do Panamá, inaugurado no dia 26 de junho deste ano após investimento de US\$ 5,4 bilhões, abriu uma nova etapa para o transporte marítimo mundial. Antes, o corredor que liga os oceanos Atlântico e Pacífico só possibilitava o trânsito dos navios panamax, com 294 metros de comprimento por 32 metros de largura e capacidade média para carregar oito mil contêineres. O novo canal permite que as embarcações neopanamax, com 366 metros de comprimento e 49 metros de largura e 12 mil contêineres a bordo, cruzem de um lado para o outro do mapa e, encurtem em dias o tempo de viagem, gerando elevados ganhos econômicos.

“Os navios maiores, hoje utilizados nos diversos portos do

mundo, estavam impedidos de passar. Essa nova estrutura, totalmente surpreendente e moderna, permite dar vazão”, explica o engenheiro-agrônomo. O Canal do Panamá, construído de 1904 a 1914, facilitou e dinamizou o comércio mundial proporcionando menos tempo no transporte das mercadorias e diminuindo significativamente os custos.

Diariamente, o tráfego no canal é de 36 a 40 navios, sendo de cinco a seis neopanamax, inicialmente. O movimento de carga, até a inauguração do novo canal, girava em torno de 340 milhões de toneladas ano. “Eles querem atingir 600 milhões [de toneladas] em até 10 anos”, ressalta Camargo. Os principais usuários são a China, que manda produtos para as Américas e a Europa, e os Estados Unidos, que deslocam carga da costa Leste para Oeste (e o inverso) do país e também para a Ásia. Os americanos exportam 36% de todos os grãos no mundo e 34% do montante passam pelo canal.

As principais cargas transportadas via Panamá são contêineres, veículos e minério. Cruzeiros turísticos também são frequentes, principalmente entre outubro e maio de cada ano.



Brasil

Já o Brasil praticamente não utiliza o Canal do Panamá, especialmente nas cargas do agrobusiness. Existe uma ideia de que os portos do Arco Norte, como Itacoatiara (AM), Santarém (PA), Barcarena (PA) e São Luís (MA), possam utilizar a estrutura num futuro ainda distante. “O Brasil não usa o canal para transportar grãos porque não vale a pena economicamente. Só seria viável no Arco Norte, desde que haja quantidade expressiva de granel sólido, o que não ocorre hoje”, explica Camargo. O tempo de navegação da região Norte do país até a Ásia é de 35 a 40 dias. Pelo canal, a viagem demoraria entre 25 a 28 dias.

Dependendo do tipo de carga, o trecho viável de uso pelo Brasil entre Leste e o Oeste do planeta é até o Peru, além desse ponto se torna mais viável economicamente a alternativa do contorno da América do Sul pelo Cabo Horn.

Cada navio, para passar no canal, paga uma taxa de US\$ 240 mil, mais 15% se tiver agendado o serviço. “Do contrário, o valor é ainda maior, além de esperar na fila”, diz o engenheiro-agrônomo da FAEP. A travessia dos 80 quilômetros do canal dura cerca de nove horas. Entre as 3 horas da madrugada e às 9 horas, os navios de pequeno porte têm preferência na travessia.

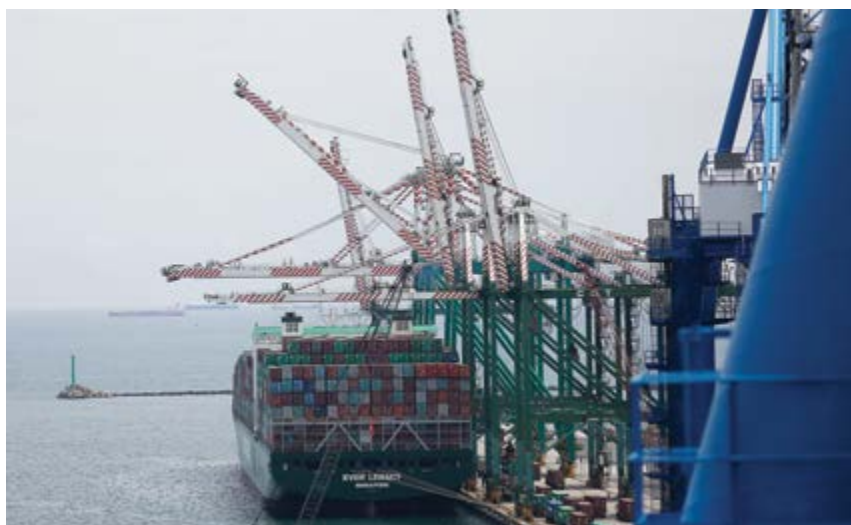
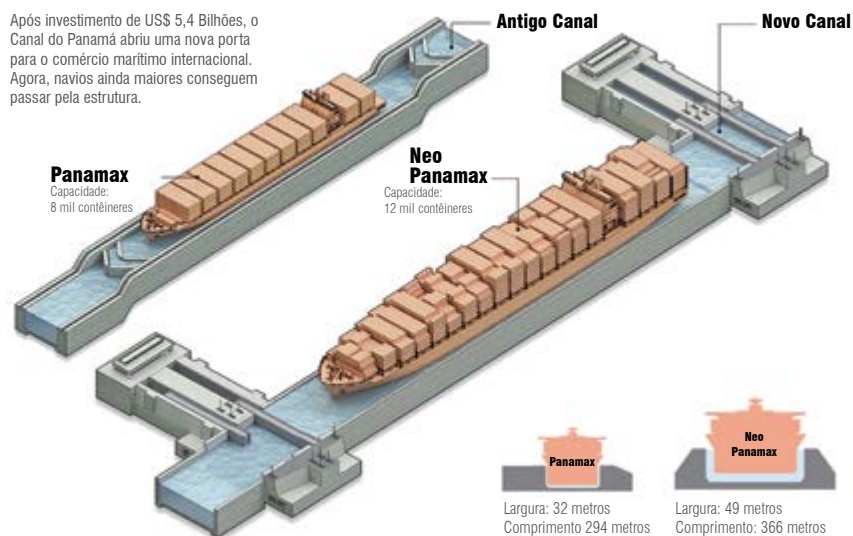
Ferrovia

A visita técnica de seis dias também incluiu a viagem de trem entre os dois oceanos. O trem transporta passageiros e, principalmente, carga. São 150 contêineres por viagem -- 1,5 mil por dia -- que dura cerca de 1 hora e 30 minutos.

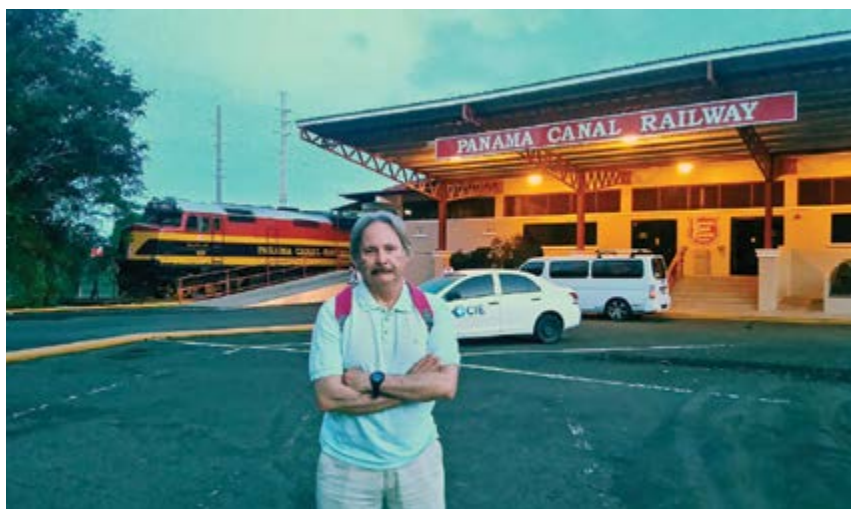
“A ferrovia tem papel fundamental para complementar o transporte realizado no canal”, explica Camargo.

A equipe de técnicos ainda conheceu o Porto de Manzanillo, o segundo maior terminal de contêineres do país -- são cinco no total. Instalado na costa Oeste, o porto recebe cargas do mundo inteiro. Para finalizar a programação, o grupo realizou uma reunião com representantes da Norton Lilly International, importante agência marítima que atua no Panamá.

Após investimento de US\$ 5,4 bilhões, o Canal do Panamá abriu uma nova porta para o comércio marítimo internacional. Agora, navios ainda maiores conseguem passar pela estrutura.



Investimento US\$ 5,4 bilhões permitiu o acesso de navios com até 12 mil contêineres



Nilson Hanke Camargo visitou as novas estruturas do Canal do Panamá

Uma discussão necessária

Primeira edição do Fórum Nacional de Seguro Rural, realizado em Curitiba na última semana, mostra que é importante discutir o futuro da subvenção rural para que as mudanças necessárias ocorram



Neri Geller, do Mapa, destacou a necessidade da maior participação do setor privado

Os principais especialistas do Brasil em seguro rural estiveram em Curitiba na segunda-feira (8) participando do Fórum Nacional de Seguro Rural. “Plantar sem garantia é uma aventura perigosa na qual o produtor não deve embarcar”, observou o presidente da FAEP, Ágide Meneguette, destacando a importância do tema em discurso durante a abertura do evento. Segundo ele, o Programa de Subvenção ao Prêmio do Seguro Rural (PSR) evoluiu desde sua criação, mas ainda tem muito a avançar. Em sua opinião, o seguro rural é uma ferramenta fundamental para o desenvolvimento do agronegócio no Brasil, ao lado de outras medidas de igual importância, como infraestrutura e logística. “Onde a agricultura é forte o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) é bom”, observa. “Por isso esse Fórum é um passo importante para o aperfeiçoamento

desta ferramenta”, observou.

O evento, organizado pela FAEP, Federação Nacional dos Seguros Gerais (Fenseg), Confederação Nacional de Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) e pela Organização das Cooperativas do Paraná (Ocepar), teve como tema desta primeira edição “O futuro do seguro rural no Brasil”. “Seguro se faz discutindo”, afirmou o secretário de Política Agrícola do Ministério da Agricultura, Pecuária e do Abastecimento (Mapa), Neri Geller que veio ao Paraná especialmente para o evento. Segundo ele, “O Fórum Nacional tem grande importância para incutir no setor rural uma cultura de seguro agrícola”.

Para Geller, é preciso que o governo dê garantias para que o setor agropecuário continue sendo a “mola propulsora do Brasil”. O secretário destacou ainda que, embora nos últimos anos o governo tenha tido dificuldades em ampliar os recursos destinados à subvenção do Seguro Rural, o objetivo desta gestão é ampliar o Programa de Subvenção ao Prêmio do Seguro Rural (PSR), orçado neste ano em R\$ 400 milhões.

Geller frisa, porém, que o orçamento da União é limitado. “Se for para esperar tudo do governo, não vai acontecer”, disse. Por isso, ele sugere parcerias entre agentes financeiros, que não precisam necessariamente ser bancos – “podem ser cooperativas, cerealistas, revendas”, observou.

O evento reuniu mais de 250 pessoas, entre produtores rurais, lideranças sindicais, representantes de seguradoras e resseguradoras, representantes de cooperativas, agentes financeiros, agentes de governo, entre outros. Os participantes vieram de doze Estados diferentes: Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Minas Gerais, Bahia, Pernambuco e Ceará, e do Distrito Federal. Oito companhias nacionais de seguro tiveram estandes no evento e atenderam os participantes, prestando esclarecimentos sobre os as modalidades ofertadas no país.

Para o presidente da Ocepar, José Roberto Ricken, a discussão do seguro rural no Paraná já vem acontecendo há algum tempo e agora chega a hora de dar um novo passo. “Temos um nível de organização e de profissionalização que nos permite discutir seguro”, disse. Segundo ele, é preciso universalizar o acesso

ao seguro agrícola, não ficando mais restrito a culturas de alto risco. “Ele deve ser um instrumento para que o produtor possa, com tranquilidade usar as melhores tecnologias, reduzir riscos e evitar perdas”, observou.

Na ocasião, o secretário de Agricultura Pecuária e Abastecimento do Paraná, Norberto Ortigara, destacou a necessidade de esforços conjuntos para proteger os solos. “Cuidar dos solos também é reduzir riscos”, afirmou.

Palestras

O evento contou com diversas palestras de especialistas, como o economista agrícola do Banco Mundial, Diego Arias, que apresentou os resultados de um trabalho de mapeamento de riscos agropecuários e das políticas e programas públicos voltados para a gestão desses riscos no Brasil, desenvolvido pelo Mapa, Embrapa e Banco Mundial. O objetivo deste trabalho foi identificar lacunas e oportunidades para a melhoria das políticas que serão adotadas futuramente para tornar o seguro rural mais eficiente no país.

Uma das curiosidades neste trabalho foi a percepção dos agricultores brasileiros entrevistados de que os temas de logística e infraestrutura são tratados como riscos de maior impacto e de menor atendimento. “Tenho feito esse tipo de estudo em vários países e nunca vi a logística em um nível tão alto na percepção dos produtores”, observou.

Outra palestra foi a do consultor, Alexandre Mendonça de Barros, da MAgro. Há quatro anos sua empresa produziu um estudo sobre este tema. Como ao longo deste tempo as propostas suge-



ridas pelo trabalho não foram adotadas, trata-se de temas ainda bastante atuais.

Segundo Mendonça de Barros é preciso uma visão “macro” para construir um sistema de seguro rural que contemple todas as particularidades regionais brasileiras. “Às vezes, dentro de uma propriedade, você tem um talhão que é mais suscetível à geada que outro”, observa. Segundo ele, a percepção de risco na região Sul do país é maior do que em outras regiões. “É aí que está o desafio político, criar uma proposta de coesão nacional”, avalia.

Em sua apresentação, o consultor trouxe a experiência de outros países, como os EUA, onde o seguro rural é hoje uma instituição sólida. Analisando o modelo norte-americano, ele chegou a três conclusões: leva-se tempo para construir um sistema de seguro agrícola robusto; é preciso consistência e estabilidade nestas políticas; os sistemas de sucesso foram criados a partir de modelos inteligentes de parceria entre os setores público e privado.

Na sequência, o diretor de Crédito, Recursos e Riscos do Mapa, Vitor Ozaki, apresentou os resultados do PSR desde 2005 até hoje. O Paraná, segundo ele, é o principal demandante do programa, com participação de 30%. A soja é a principal cultura segurada, consumindo 35% dos recursos do programa.

O diretor do Departamento de Economia Rural (Deral) da Secretaria estadual de Agricultura e Abastecimento, Francisco Simioni, apresentou aos participantes o Plano Estadual de Seguro Rural

(PSR-PR), criado em 2009. E, logo em seguida o secretário executivo do governo de São Paulo apresentou o Fundo de Expansão do Agronegócio Paulista (FEAP), que destina cerca de R\$ 20 milhões por ano à subvenção do seguro rural naquele Estado.

Para o engenheiro-agrônomo Tarcino Luiz, que representou o presidente do Sindicato Rural de Faxinal, o evento foi bastante produtivo. “A qualidade dos palestrantes é muito boa, não conhecia esse programa do governo do Paraná”, conta. Atuando na área de crédito rural no seu município, seu principal foco no Fórum foi avaliar a real viabilidade do seguro rural na sua região. “Nos últimos anos o agricultor criou essa mentalidade de seguro, isso tem proporcionado mais segurança para investir”, observou.

O presidente do Sindicato Rural de Cambará, Aristeu Sakamoto, também aplaudiu a iniciativa. “A ideia do Fórum é fantástica, temos que procurar conhecer todas as formas de seguro rural”, disse. Segundo ele, o fato de estar sendo fomentada e discutida a questão do seguro agrícola pode despertar um interesse maior dos agentes financeiros para ampliar esses produtos.

O tema trouxe à capital paranaense representantes de federações da agricultura de outros Estados. O presidente do Sistema FAMESUL (Mato Grosso do Sul), Mauricio Saito, participou do evento, bem como o diretor executivo da entidade, Lucas Galvan, e o gestor do Departamento Técnico, Justino Mendes. Também o economista Pedro Arantes, consultor técnico do SENAR Goiás, esteve presente no Fórum.



Grupo de palestrantes: Diego Arias, Alexandre Mendonça de Barros, Vitor Ozaki, Fernando Penteado e Francisco Simioni

Workshops



Igor Teixeira, Delso Vaccari e Luiz Antonio Digiovani fecharam o ciclo de palestras

Na tarde do dia 8, o evento contou com o Workshop Nacional de Seguros Agrícolas, uma oportunidade para os participantes debaterem os produtos ofertados no Brasil pelas seguradoras. Nessa etapa do evento, os palestrantes apresentaram explicações sobre o funcionamento das diferentes modalidades de seguro agrícola para grãos, florestas, hortifrúti e pecuária.

Na sequência, o meteorologista Luiz Renato Lazinski, do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet), apresentou as tendências climáticas para a safra de verão durante esse período de transição para a chegada do fenômeno La Niña (Confira a matéria na página 13).

algo novo por aqui. (Leia na página 12).

Depois da sequência de palestras foi realizado um debate com os palestrantes, que responderam a perguntas e tiraram dúvidas dos produtores. A mediação foi realizada pela economista Fernanda Schwantes, CNA.

No final do evento, os representantes do Sistema FAEP, Fenseg, CNA e Ocepar elaboraram um documento com todos os temas debatidos ao longo do dia.

Cobertura completa, as palestras e fotos estão no site:
www.sistemafaep.org.br

Um guia para o Seguro Rural

Durante o Fórum Nacional de Seguro Rural foi lançado o “Guia de Seguros Rurais e Proagro”, publicação criada pela FAEP, FenSeg, CNA e Ocepar, que traz informações sobre as diversas modalidades existentes de Seguro Rural. O objetivo da iniciativa é ampliar o conhecimento de produtores e demais agentes de interesse do setor agropecuário sobre o tema, ajudando na avaliação dos produtos disponíveis no mercado.

O material trata também das regras de funcionamento do Programa de Garantia da Atividade Agropecuária (Proagro), que é utilizado por muitos produtores e, da mesma forma do seguro rural, é necessário conhecer bem suas regras de funcionamento. O presidente da Comissão de Seguro Rural da Fenseg, Wady Cury, explicou os principais detalhes da publicação. “Essa cartilha é um guia de orientação máxima para a atividade dos produtores rurais. Representa só um começo no que podemos avançar quando se trata

de seguro rural no país”, disse.

O Guia é dividido em São 10 capítulos, distribuídos em 30 páginas. É possível baixar a publicação gratuitamente no site do Sistema FAEP: www.sistemafaep.org.br/serviços



A vez da pecuária

Produto específico para a área é novidade no mercado brasileiro



Durante o Fórum Nacional de Seguro Rural, o gerente-comercial Igor Teixeira Cunha, da seguradora paulista Swiss Re Corporate Solutions, chamou a atenção da maioria dos produtores rurais ao anunciar uma modalidade específica de seguro rural para a pecuária, uma novidade no país.

Segundo Igor, normalmente esse tipo de seguro é feito para o gado de elite, animais de alto valor – touros reprodutores e vacas de elevada genética, por exemplo. No entanto, também é possível fazer seguro rural para o rebanho comum. “A demanda ainda é pequena porque a maioria dos pecuaristas desconhece essa modalidade de seguro”, observou.

De acordo com ele, a seguradora atua em três linhas: bovinos de elite, rebanho plano simples e rebanho alta mortalidade. A cobertura básica inclui acidentes, doenças, asfixia por sufocamento ou submersão, raio, incêndio, insolação, envenenamento, intoxicação e ingestão de corpo estranho, luta, ataque, picada de cobra, parto ou aborto, eutanásia ou abate por determinação do médico veterinária decorrente dos riscos cobertos.

Entre os itens passíveis de coberturas adicionais estão o transporte do animal, o reembolso cirúrgico (honorários para cirurgia e pós-operatório, uso exclusivo para salvar a vida do animal atendido

em hospital veterinário), fertilidade (garante o pagamento de indenização em caso de infertilidade total e permanente).

O gerente comercial explicou que o seguro é feito de forma individual, sendo que a vigência é de 12 meses e não há cobrança de Imposto sobre Operações de Crédito (IOF). “É um seguro subvencionado, com 45% de desconto”, acrescentou. No que se refere ao rebanho, o número mínimo é de 25 animais, com idade de seis meses até 84 meses.

Segundo Igor, o aviso de sinistro ocorre através de 0800 e produtor deve fazer um laudo fotográfico com documentos específicos, como o atestado de sinistro.

Como funciona

Confira abaixo a simulação da contratação do seguro na categoria Rebanho Simples.

Dados para contratação para um rebanho de corte no Paraná

Número de Animais	Valor Unitário	IS - Importância Segurada
30	R\$ 3.000,00	R\$ 90.000,00

Franquia

Número de Animais	Franquia	Tipo de Franquia
30	3 Animais	Acumulativa*

*As mortes serão contabilizadas durante toda a vigência da apólice

Ex. Eventos durante a vigência

Raio	Picada de Cobra	Acidente
5 animais	1 Animal	1 Animal

Número de Animais mortos	7
Franquia	3
Diferença	4
Indenização	R\$ 12.000,00

Riscos do clima

Em palestra no Fórum Nacional do Seguro Rural, meteorologista prevê um verão mais seco, em consequência do *La Niña*



Estamos em período de transição para a chegada do fenômeno *La Niña* e, neste momento, a preocupação é o que esperar do clima na próxima safra de verão. Diante dessa incógnita, o meteorologista Luiz Renato Lazinski, do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet), analisou as tendências climáticas durante o Fórum Nacional de Seguro Rural. Segundo ele, o *La Niña* deverá se intensificar entre setembro e outubro e voltar a atrapalhar a produção agrícola nacional. “Nas últimas quatro safras de verão nós não tivemos problemas com o clima, mas diante desse fenômeno climático não esperem um clima tão favorável”, observou.

O *La Niña*, tradicionalmente, traz condições de um tempo mais seco para a América do Sul durante sua ocorrência e, para o Brasil, especificamente, se caracteriza por mais chuvas para a região Nordeste, temperaturas mais baixas do que o normal

durante o verão no Sudeste, atraso da chegada das chuvas no Centro-Oeste e Sudeste, além de um verão mais seco no Sul do país. De acordo com Lazinski, o principal problema desse fenômeno climático é a irregularidade das chuvas, que ocorrem abaixo da média e com má distribuição.

“Poderemos ter chuvas abaixo da média histórica, o que pode trazer algumas perdas para a produção. Além disso, com o *La Niña* teremos frios tardios no Sul do país. Consequentemente, algumas regiões podem registrar a ocorrência de geadas tardias até outubro. Em anos de *La Niña* não existe meio termo”, disse. Para as regiões Norte e Nordeste, a tendência é de chuvas irregulares e acima da média.

Lazinski comentou ainda sobre as tendências climáticas nos Estados Unidos. As chuvas estão ocorrendo de forma regular por lá e as lavouras norte-americanas estão em excelente condição.

Nas diretrizes da Pecuária Moderna

Fazenda Cacic, em São Miguel do Iguçu, atende as especificações para ter um rebanho com carne de qualidade, ciclo de abate hiperprecoce e bom rendimento de carcaça

Por Carlos Guimarães Filho

Há um ano, o Plano Integrado de Desenvolvimento da Bovinocultura de Corte, conhecido como Pecuária Moderna, ganhava os primeiros traços no Paraná. Lançado pelo governo estadual em parceria com a FAEP e outras entidades dos setores público e privado, o programa traça metas para impulsionar a atividade em pastos paranaenses até 2025. Atualmente, a cadeia estadual da proteína vermelha ocupa um papel tímido no cenário nacional.

Para atingir tal patamar de excelência, a Pecuária Moderna estabelece algumas medidas, como a redução da idade média de

abate de 37 meses para 30 meses, incremento no peso vivo e no rendimento de carcaça por cabeça e o aumento na densidade de animais de 1,4 cabeça por hectare para 2 cabeças/ha.

A revitalização da cadeia bovina no Paraná não é algo simples, e demanda tempo. Porém, mesmo após apenas 12 meses do lançamento do programa, algumas fazendas do Estado já apresentam dados surpreendentes, que reforçam ser possível melhorar os atributos do rebanho estadual, por meio de tecnologia, planejamento e investimento.



*Com investimento e planejamento,
propriedade de Marcos Samek
reduziu o tempo de abate do rebanho*



Na fazenda Cacic, em São Miguel do Iguaçú, na região do Oeste do Estado, os animais machos são abatidos com cerca de 13 meses e 18 arrobas, enquanto as fêmeas entre 11 e 12 meses e 14 arrobas – dados do abate do último mês de junho. Há três anos, quando um trabalho para otimizar a atividade entrou em vigor, os dados eram bastante diferentes, com o abate ocorrendo próximo dos dois anos de vida do animal. No período ainda mais logo, o abate na Cacic ocorria com 36 meses.

“Não é de ontem para hoje que se chega neste nível de precocidade. O trabalho começou há algum tempo e os resultados estão aparecendo”, explica o proprietário da Cacic, Marcos Samek. “Não dá para matar um boi com três anos. O programa Pecuária Moderna está atrás do que está acontecendo na fazenda Cacic, que comprova que a pecuária bem conduzida traz resultados para o negócio e, claro, lucro”, reforça Ágide Meneguette, presidente da FAEP, que esteve presente no Dia de Campo na propriedade, na primeira semana de agosto.

O encurtamento do tempo de abate também permitiu ampliar o rebanho da fazenda. Em 2013, eram 670 cabeças. Hoje, 1,2 mil animais ocupam 264 hectares dedicados à pecuária – outros 360 hectares são voltados para o plantio de grãos. “Como encurtou a idade do abate, desafogou as áreas e permitiu aumentar o rebanho”, explica Paulino Takao Sakai, consultor de pastagem da Cacic.

Os dados técnicos apresentados ao longo do Dia de Campo comprovaram que a Cacic segue, de cabo a rabo, as premissas do programa Pecuária Moderna: acompanhamento técnico, forragem, Integração Lavoura-Pecuária, genética e sanidade.



Ágide Meneguette ressalta o trabalho na fazenda Cacic para produtores no Dia de Campo

Segurança alimentar

A mudança de perfil da pecuária de corte na Cacic, para a produção de novilhos superprecoces, ocorreu após um planejamento envolvendo principalmente a alimentação dos animais, tanto na questão da forragem como na de suplementação. “Como em um carro potente, quando você quer aumentar a velocidade, precisa se preocupar com outros fatores de segurança. No caso do rebanho é a mesma coisa. Tem que cuidar da segurança alimentar”, destaca Sakai.

Os cuidados com a alimentação são tomados, principalmente, no inverno, quando, geralmente, a oferta de pastagem reduz. A estratégia na fazenda de São Miguel do Iguazu é liberar as áreas ocupadas por grãos no verão para a pecuária na estação mais fria

do ano, a chamada Integração Lavoura-Pecuária. No verão ocorre a adubação e manejo das pastagens perenes.

“Ter pasto no verão é tranquilo. A estratégia precisa ser definida para atravessar o inverno”, diz o consultor de pastagem. “Só é possível expressar o potencial do rebanho se tiver alimento, e de boa qualidade”, acrescenta.

A segurança alimentar na fazenda Cacic também tem reflexos positivos diretos nos custos com sanidade. Para o controle de carrapato, por exemplo, são, no máximo, três doses de remédio por ano. “Quando o animal está bem nutrido, nada entra nele”, diz o médico veterinário da fazenda, Mário do Carmo.

Genética

A redução do tempo de abate e a melhora do rendimento de carcaça, hoje entre 56% e 59%, também envolveu a melhora genética dos animais. Nas décadas passada, a base do rebanho era formada pelas raças zebu e nelore. “Chegamos num nível que não tinha mais como fazer o melhoramento. Então entramos com a raça angus. Isso permitiu um novo salto”, conta Samek. “Somar raças permite maximizar os resultados”, reforça Carmo.

A introdução de animais angus no rebanho também abriu outras portas, bastante lucrativas. A Cacic entrega cerca de 200 animais vivos por ano para a CooperAliança, única empresa certificada pela Associação Brasileira de Angus no Paraná. O abate ocorre na planta terceirizada em Guarapuava, na região Central do Estado.



“Por ser angus, o produtor recebe bônus de R\$ 8 por arroba”, explica Luiz Fernando Menegazzo Gheller, médico-veterinário e consultor de campo da cooperativa de carnes nobres.

O produtor pode receber um valor ainda maior, conforme a precocidade, como incentivo para reduzir o ciclo. No caso de animais precoce, independente de macho ou fêmea, 3% de bônus, enquanto superprecoce 5% e hiperprecoce chega a 7%.

“A Cacic atinge as melhores precificações”, afirma Gheller. “A qualidade da carne está ligada a nutrição do animal. Idade longa tira a uniformidade da cobertura de gordura”, acrescenta Sakai.

A CooperAliança está em processo de construção de um frigorífico, com previsão de inauguração no final de 2017 e capacidade de abate de 500 cabeças/dia. Porém, para isso, é necessário ampliar o número de associados, hoje em 107, sendo 60 pecuaristas de bovinocultura e 47 de ovinocultura

“A média tem sido de dois produtores por mês entrando na cooperativa”, diz Gheller. “Esse é um mercado que está crescendo. A cada 10 clientes que vão ao supermercado, nove querem angus. Se tivesse mais animais, teríamos consumo”, garante.

Fazenda-escola

Não é apenas no Dia de Campo, promovido anualmente, que as portas da fazenda Cacic estão abertas aos interessados em conhecer a atividade e, claro os resultados. Na verdade, praticamente toda a semana, Marcos Samek recebe visitas de outros produtores curiosos nos “segredos” da propriedade.

“É comum o pessoal visitar a propriedade. O acesso está sempre aberto para quem quiser conhecer o processo, pois compartilhar a experiência permite que outros produtores possam conhecer novos sistemas”, destaca o proprietário.

Capacitação dentro da porteira

O avanço da bovinocultura de corte paranaense passa também pela capacitação dos elos da cadeia produtiva, principalmente de produtores e trabalhadores das fazendas. Nesta linha, o SENAR-PR oferece três cursos na área: manejo de bovino de corte, inseminação artificial e casqueamento na bovinocultura de corte. As capacitações são oferecidas em várias regiões do Estado.

De forma paralela, técnicos do próprio SENAR-PR estão passando por treinamento para poderem oferecer uma assistência ainda melhor aos produtores envolvidos com a atividade. O programa de qualificação de técnicos em bovinocultura de corte foi desenvolvido para atender uma demanda do mercado.

Até o momento, duas turmas, em Guarapuava, na região Central do Paraná, e em Paranavaí, no Noroeste do Estado, foram formadas. O programa é composto por 10 módulos, no total de 160 horas, envolvendo questões de gerenciamento, alimentação, conservação de pastagem, comercialização e crédito rural, entre outros temas. No momento, os 34 técnicos, dos municípios de Apucarana, Maringá, Umuarama, São Antônio da Platina, Paranavaí, Guarapuava e Campo Mourão, estão elaborando o trabalho final.





Piratas do Caribe (e de outros mares)



A série de filmes Piratas do Caribe é um dos maiores sucessos do cinema das últimas duas décadas. Foram quatro filmes – o quinto tem estreia prevista para maio do ano que vem –, todos vagamente inspirados em uma atração de mesmo nome presente em parques temáticos da Disney desde 1967. Piratas de verdade, entretanto, não estavam nem aí para brincadeiras. Foram temidos no mundo inteiro, mas fizeram do Mar do Caribe e de trechos do Oceano Índico seus principais focos de ação. Conheça alguns dos mais famosos:

farçava de homem – ao contrário da superstição, a presença de Anne era considerada boa sorte pela tripulação. Foi casada com o bucaneiro holandês Laurens de Graff, conhecido por ter pilhado locais como Porto Rico, Santo Domingo (hoje capital da República Dominicana), Cartagena (na atual Colômbia) e Veracruz (México). Seu fim ainda é um mistério: sabe-se que ela foi capturada pelos ingleses e acabou ficando durante três anos na prisão, de 1695 a 1698. Ninguém conhece o seu paradeiro depois disso. Há relatos de que ela teria abandonado a pirataria e fixado residência na Louisiana, no Sul dos Estados Unidos.



Calico Jack

John Rackham, mais conhecido como Calico Jack, foi um famoso pirata inglês no Caribe, no século 18. Ele é muito conhecido porque a imagem de sua bandeira pirata (chamada de Jolly Roger) era uma caveira com duas espadas cruzadas – figura que ficou marcada como símbolo dos piratas na cultura popular. Além disso, também ganhou fama por ter duas mulheres formidáveis em sua tripulação, Anne Bonny (com quem teve um relacionamento amoroso) e Mary Read. Foi capturado pelos ingleses sem oferecer resistência em 1720 e morreu enforcado. Dizem que as últimas palavras de Anne Bonny a ele foram: “Se você tivesse lutado como um homem, não teria que morrer feito um cão”.



Sir Francis Drake

Para os ingleses, Francis Drake era um cavaleiro condecorado pela Rainha Elizabeth I. Para os espanhóis, era um odiado pirata. Tanto que o rei da Espanha chegou a oferecer uma recompensa de 20 mil ducados (mais de US\$ 6 milhões, nos dias de hoje) pela sua cabeça. Drake ajudou a derrotar a Invencível Armada Espanhola na batalha de 1588 e foi o primeiro inglês a circunvagiar a Terra. Seus espólios como corsário ajudaram a enriquecer a Coroa Britânica até sua morte por disenteria, aos 55 anos, em 1596.

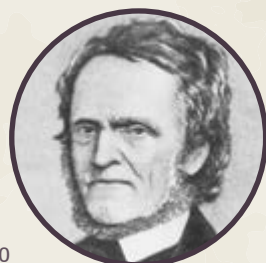


Anne Dieu-le-Veut

Anne Dieu-le-Veut (ou, em português, Anne “Se-Deus-quiser”) foi uma pirata francesa. Era conhecida por ser corajosa e implacável, e foi uma das poucas mulheres piratas que não se dis-

Capitão Kidd

O capitão William Kidd era um corsário escocês que atacava e pilhava navios da França, que na época estava em guerra contra a Inglaterra – o que fazia dele um corsário, ou seja, um pirata com autorização





inglesa da Virgínia, que acabou por matá-lo, em novembro de 1718. Diz a lenda que foram necessários 20 golpes de espada e cinco tiros para finalmente abatê-lo. Sua cabeça foi pendurada na proa do navio comandado pelo tenente Robert Maynard, que liderou a iniciativa.



Black Bart



Bartholomew Roberts, ou Black Bart, foi um dos piratas mais bem-sucedidos de seu tempo. Muitos atribuem a Roberts e sua tripulação a preparação do Código Pirata, uma compilação de regras que estipula como deveria ser a repartição dos saques, a compensação paga aos feridos e as penas impostas aos desertores, entre outros itens. Black Bart chegou a capturar mais de 450 navios em todo continente americano, de Norte a Sul. Morreu em combate contra um navio inglês, em 1722. Foi surpresa para os dois lados da disputa, que o consideravam invencível.

governamental para agir, dentro de certos limites. O problema foi que Kidd passou os limites e começou a atacar também navios que não faziam parte do acordo com o governo inglês. Acabou preso nos Estados Unidos e sentenciado à morte em seu país de origem. A sentença foi cumprida em 1701. Mesmo depois da morte, ele continuou famoso por conta de tesouros que teria escondido por aí. As histórias falam em tesouros enterrados em locais tão díspares quanto Madagascar, República Dominicana, o Norte do Canadá e o Vietnã.



Barba-negra



Se Calico Jack immortalizou a Jolly Roger com a caveira e duas espadas, o Barba Negra (Blackbeard) foi o responsável pelo estereótipo do pirata terrível, com aparência assustadora, a la Capitão Gancho. Edward Teach era inglês, mas, como muitos outros, fez sua fama como bandido implacável no Caribe e na costa da América do Norte, a bordo do navio Vingança da Rainha Ana. Um de seus lances mais ousados foi o bloqueio do porto de Charleston, na Carolina do Norte, que só foi levantado depois que a cidade pagou um resgate. Foi também um de seus últimos movimentos: depois de deixar a região, foi perseguido por uma frota organizada pelo governo da colônia



Itinerários para o sucesso

Mudanças no Projeto Pedagógico Institucional do SENAR-PR, que vai nortear ações da instituição, passam por validação de profissionais

Por André Amorim



Durante reunião do Comitê Técnico Setorial do SENAR-PR, Ágide Meneguette destaca transformações na metodologia de ensino

Nos últimos dois anos, o SENAR-PR iniciou um novo capítulo da sua história. Desde que foi criado, em 1993, o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural vem atuando na organização, administração e execução da formação profissional e da promoção social do trabalhador rural no Paraná. O resultado deste trabalho está refletido nas mais de 3 milhões de pessoas que já passaram pelos seus cursos e formações. Um verdadeiro exército de homens e mulheres que ajudaram a construir um Estado campeão na produção agropecuária.

Durante seus primeiros 15 anos de atividade, o objetivo principal do SENAR-PR era ganhar capilaridade no interior do Estado, de modo a levar suas ações de formação profissional ao maior número de produtores e trabalhadores rurais em todas as regiões do Paraná. Esta etapa foi cumprida com sucesso e hoje o SENAR-PR

é uma das mais reconhecidas instituições de ensino profissional no meio rural, responsável por oferecer uma ampla gama de cursos nas mais variadas áreas do agronegócio, cobrindo todos os municípios do Paraná.

Desde 2015 o SENAR-PR vem trabalhando na elaboração do seu Plano Pedagógico Institucional (PPI), um trabalho que irá balizar as atividades da entidade daqui pra a frente, com foco na qualidade e no resultado. “Vamos fazer menos pra fazer bem feito. O que a gente vê no mercado é uma fábrica de certificados, mas quem receber o certificado do SENAR vai ter que saber de verdade. Quem não souber não vai ser aprovado”, afirmou o presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR, Ágide Meneguette na Reunião do Comitê Técnico Setorial do SENAR-PR, que trouxe a Curitiba instrutores, supervisores e técnicos de todas as regiões do Estado para a validar a metodologia do PPI.

Em linhas gerais, a novidade agora é que os cursos serão oferecidos dentro de uma lógica voltada para o mercado, de modo que os participantes sejam direcionados para uma formação mais completa. Uma das referências utilizadas na construção do PPI foi a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), documento do Ministério do Trabalho e Emprego que reconhece, nomeia e descreve as características das ocupações do mercado de trabalho brasileiro. Com isso, o participante receberá um certificado profissional naquela ocupação que escolheu, após completar todas as etapas formativas.

A ideia central nesse processo é a construção dos Itinerários Formativos. Cada itinerário é composto por vários cursos em uma mesma área. Ao final do percurso, o aluno terá uma formação profissional completa. “O itinerário é o caminho que o aluno vai fazer para ter sua formação. Cada pedacinho vai compor o todo”, explica a pedagoga e consultora do SENAR-PR, Patricia Lupion.

Nesses itinerários não existe uma sequência obrigatória de cursos, apesar de existirem alguns poucos casos em que um curso é pré-requisito para o outro. O ponto central desta nova abordagem é a possibilidade de direcionar a formação dos profissionais rurais. Por exemplo, o itinerário formativo para formação de um profissional na área de bovinocultura será composto por cursos de Casqueamento, Arborização de Pastagens e Condução de Pasto, entre outros. A ideia é contemplar todos os temas necessários para que o aluno possa desempenhar aquela função produtiva.

“Com isso, além de ficarem mais claras as etapas que os alunos vão precisar percorrer para chegar onde desejam, também evitamos que eles façam cursos em áreas que estejam totalmente fora do seu foco profissional”, observa o gerente técnico do SENAR-PR, Eduardo Gomes de Oliveira. Segundo ele, o trabalho de elaboração do PPI passa pela construção de novos cursos e por ajustes nos cursos já oferecidos, de modo a adequar os itinerários profissionais às necessidades do mercado. Segundo Gomes, em 2018 algumas destas novidades já podem estar sendo ofertadas.

Trabalho construído a muitas mãos

A construção do PPI contou com a consultoria da educadora e especialista em Metodologias de Ensino Profissionalizante, Dalva Angelina Steil da Silva e com palestras pontuais de especialistas, como a doutora em Ciência da Educação, Ariana Cosme, da Universidade do Porto (Portugal). “A qualidade sempre foi uma preocupação do SENAR-PR, e agora existe uma proposta de operacionalização e também uma diretriz política para que isso aconteça”, afirma Gomes.

Ao longo destes dois anos, foram realizados diversos encontros e reuniões para que o novo PPI pudesse ser difundido entre todos os envolvidos no processo de aprendizagem.

Uma das últimas etapas deste processo ocorreu nos quando instrutores e supervisores do SENAR-PR de diversas regiões do Es-



tado, técnicos do SENAR-PR e do Departamento Técnico Econômico (DTE) da FAEP foram divididos em grupos de trabalho multidisciplinares, agrupados de acordo com atividades relevantes do agronegócio paranaense: Olericultura, Suinocultura, Avicultura, Bovinocultura de Corte, Bovinocultura de Leite, Cana-de-açúcar, e Grãos (que inclui mecanização agrícola).

A missão dessa equipe foi construir previamente os itinerários formativos para cada ocupação profissional, levando em conta as competências necessárias para o aluno desempenhar aquela ocupação com competência e profissionalismo. “São várias cabeças pensantes neste processo”, observa o supervisor do SENAR-PR da regional de Umuarama, Jean Carraro, integrante da equipe que se dedicou ao itinerário formativo na área de cana-de-açúcar. Segundo ele, nesse segmento produtivo foram identificadas cinco diferentes ocupações dentro da CBO da cana-de-açúcar. Para ser apto naquela ocupação, o aluno terá que cumprir uma série de etapas de formação (cada curso corresponde a uma dessas etapas). Segundo Carraro, na cadeia da cana o itinerário de cada ocupação é formado por cerca de cinco cursos. “Não é uma coisa engessada, pode tirar aquela etapa e fazer outra, ou então fazer todas”, diz.

Dessa forma são apresentadas às empresas deste setor – no caso, as usinas canavieiras – todas as ocupações que estão sendo trabalhadas naquela área. Assim é possível definir qual o melhor arranjo para cada caso.

Nesta nova metodologia, cada curso irá trabalhar uma ou mais competências, que seriam as habilidades e atitudes necessárias para desempenhar aquela função específica.

Para Abílio Galvão, instrutor de cursos na área de bovinocultura de leite, a reformulação da estratégia pedagógica do SENAR-PR era um anseio tanto dos instrutores quanto dos produtores. “Com essa nova metodologia, o aluno vai se especializar em conteúdos que ele vai escolher de acordo com o caminho que pretende seguir naquela cadeia produtiva”, avalia.

Reformulação

Segundo Eduardo Gomes, a partir desse trabalho, realizado pelas equipes multidisciplinares, cada técnico responsável do SENAR-PR irá construir um projeto para que a nova metodologia seja aplicada na prática, levando em conta o que foi discutido em cada equipe. Nesse processo alguns cursos serão reformulados, alguns poderão ser extintos e outros novos serão criados.

“No nosso caso conseguimos mapear todas as operações que o tratorista desempenha na fazenda e o que ele precisa saber para executar essas tarefas”, diz o engenheiro-agrônomo do DTE Fernando Aggio, que integrou o grupo que propôs o itinerário para a ocupação de Tratorista Agrícola. “Ao final, se o aluno desempenhar todas as etapas adequadamente, terá competência para realizar todas as operações com qualidade e competência”, completa.

Para auxiliar esse processo está sendo planejada uma plataforma eletrônica, onde o aluno poderá acompanhar seu desempenho.



“É um processo de autogestão da carreira, o participante vai poder visualizar o andamento da sua formação, vendo quais cursos já concluiu e quais ainda faltam por concluir para se formar profissional naquela área”, explica Eduardo Gomes. Nesse painel de controle também será possível verificar em quais municípios estão sendo ofertados os cursos que faltam para completar o itinerário. Para acessar esse serviço será necessário apenas ter acesso à internet.

Para a tecnóloga em alimentos Luciana Matsuguma, do SENAR-PR, que integrou a equipe que trabalhou o itinerário formativo na área de gestão, com o novo modelo o aluno vai ter mais alternativas para perceber qual é a sua própria necessidade. Esse tema é importante, pois é transversal a diversas outras atividades desenvolvidas no campo. “Estamos levando a gestão a um processo de profissionalização do produtor, independente de ele estar atuando em uma propriedade com mão de obra familiar ou não”, avalia.



Nas hortaliças, o primeiro exemplo

Atualmente o SENAR-PR já tem uma iniciativa operando dentro da nova lógica de itinerários formativos. O programa HortiMais foi criado em 2009, com o objetivo de organizar a cadeia de granjeiros da Região Metropolitana de Curitiba e também certificar os olericultores. Por meio de parceria com universidades e empresas foi criado um itinerário formativo composto por 13 cursos:

- Implantação de boas práticas agrícolas (o objetivo é capacitar os participantes para aplicar as boas práticas na propriedade, produzindo alimentos seguros e com rastreabilidade);
- Planejamento da produção (planejamento do plantio à comercialização);

- Caracterização e conservação de solos (aplicação de técnicas de prevenção e controle dos processos de degradação do solo);
- Nutrição de plantas (uso do correto manejo nutricional de olerícolas);
- Qualidade da água, métodos e manejo de irrigação (monitorar os sistemas de irrigação, considerando a qualidade da água e os métodos adequados);
- Pragas e inimigos naturais (controlar pragas em olerícolas, considerando o nível de dano e a preservação dos inimigos naturais);
- Identificação e controle de doenças (utilização das técnicas de prevenção e controle de doenças em olerícolas por meio da identificação dos agentes causais);
- Controle biológico e manejo integrado de pragas – MIP (aplicação do correto manejo integrado de pragas em olerícolas);
- Cultivo em ambiente protegido/ plasticultura (produção manejando o ambiente protegido);
- Hidroponia (utilização do sistema hidropônico Nutrient Film Technique - NFT);
- Cultivo de minitomates em ambiente protegido (processos de manejo dessa cultura);
- Colheita e pós-colheita (colheita considerando a qualidade e conservação pós-colheita) e
- Gestão de custos (elaboração e gestão dos custos da produção).

Cada curso tem 40 horas, divididas em teoria e prática. Ao final do itinerário, o participante recebe o certificado profissional de Trabalhador na Olericultura.

Usina na granja

Uso de biodigestores para geração de energia por meio do biogás gera economia e protege o meio ambiente

Por André Amorim



Biodigestor reaproveita esterco de aves e suínos para transformar em energia

“Na natureza nada se cria e nada se perde, tudo se transforma.” A frase do químico francês Antoine Lavoisier, que viveu no século XVIII, se aplica perfeitamente à realidade atual da produção de energia a partir do biogás. Neste sistema, os dejetos dos animais não se perdem, mas se transformam em energia que ilumina granjas, move automóveis e aquece caldeiras.

O processo não é novidade. Há muito tempo que produtores, principalmente de suínos e aves, usam o esterco dos animais para geração de energia a partir de biodigestores. Algumas iniciativas, no entanto, acabaram por morrer na praia porque o planejamento e o acompanhamento técnico desses processos não eram executados corretamente.

Hoje esse cenário mudou com a evolução das técnicas e das tecnologias empregadas nas propriedades. Um dos vetores dessa transformação foi o Centro Internacional de Energias Renováveis – Biogás (CiBiogás), entidade sem fins lucrativos sediada na Itaipu, que tem dentre seus parceiros a FAEP.

Um dos projetos piloto mais bem sucedidos da instituição é a Granja Haacke, localizada em Santa Helena, no Oeste do Paraná. A propriedade possui produção de ovos e gado de corte e aproveita os dejetos dos animais para produzir o biogás que fornece energia para a propriedade e alimenta parte da frota dos veículos movidos a biometano da Itaipu. A parte sólida que sobra deste processo serve como adubo nas lavouras da propriedade.

O proprietário Nilson Haacke cria 84 mil galinhas poedeiras em dois galpões e cerca de 700 bovinos de corte em confinamento. De acordo com o engenheiro do CiBiogás, Giovani Patuzzo, o biodigestor instalado na granja gera cerca de 40 KW/h, energia mais do que suficiente para alimentar toda estrutura de dois galpões de aves e todo restante da propriedade, gerando uma economia mensal de aproximadamente R\$ 7 mil na conta de luz.

Por dia são encaminhados ao biodigestor cerca de 100 metros cúbicos de dejetos de aves e bovinos. Esse material é encaminhado por meio de esteiras até um misturador, em seguida vai para

uma extrusora que separa líquidos de sólidos. A parte sólida é usada como adubo na lavoura e os líquidos vão para o biodigestor, onde devem permanecer por cerca de 30 dias.

Para efeito de comparação, 1 metro cúbico de biometano equivale 943 ml de gasolina, ou 2,196 KW de eletricidade. Segundo Patuzzo, o biodigestor da granja gera cerca de 1000 metros cúbicos de biogás por dia. Aquilo que não é aproveitado é queimado em um sistema de segurança enquanto a propriedade ainda não é ligada à rede de distribuição da Copel. Quando ela se conectar, poderá injetar o excedente de energia no sistema, gerando créditos que podem ser usados para abater do consumo.

Movido a gás

Em breve deverá ser instalado um equipamento para aproveitar o biogás também para abastecer os veículos da propriedade. Para essa finalidade o biogás deve ser filtrado num processo que retira o excesso de gás carbônico (CO₂) e o sulfeto de hidrogênio (H₂S), que é corrosivo. Na primeira fase da filtragem, o gás é purificado até ficar com um percentual de 80% de metano, na segunda etapa o gás atinge 96% de metano em sua composição, mesma quantidade encontrada no gás natural, e passa a se chamar biometano. O CO₂ excedente é reinjetado no biodigestor, ajudando no processo de produção e evitando que esse gás seja lançado na atmosfera. “A recirculação dentro do biodigestor é muito positiva, pois aumenta a concentração de metano e a qualidade do lodo”, afirma Patuzzo.

Depois de purificado, o biometano entra em um compressor para armazená-lo em cilindros que são encaminhados à Itaipu. Lá, ele serve como combustível para os automóveis do projeto. Por semana são transportados 350 metros cúbicos de biometano para a usina. Cada veículo tem capacidade para armazenar 12 metros cúbicos de gás, o que proporciona uma autonomia de cerca de 120 quilômetros (10 quilômetros por metro cúbico em média).

Perto dos galpões está sendo construída uma fábrica de caixas de ovos que também usará a energia convertida a partir do biogás para operar. O próprio biogás será usado diretamente para aquecer uma caldeira, aumentando ainda mais a economia de energia na granja.

Starmilk

O sistema de produção de energia por meio de biodigestores na granja Haacke foi visitado pelos membros das comissões técnicas de Pecuária de Leite e Pecuária de Corte da FAEP, dias 27 e 28 de julho. O objetivo foi mostrar o potencial energético dessa proposta aos produtores, uma vez que os dejetos de bovinos também estão sendo aproveitados.

Outra visita onde os produtores puderam conhecer um sistema de produção de biogás a partir da bovinocultura foi o da fazenda Starmilk, localizada em Céu Azul, no Oeste paranaense. A propriedade atua principalmente na bovinocultura de leite, atividade que envolve 1,1 mil animais em confinamento, sendo 480 em lactação,

proporcionando uma produção de 16,5 mil litros de leite por dia.

Com 40 anos de existência, a fazenda ingressou no projeto do CiBiogás em 2009. Segundo o engenheiro do CiBiogás, Felipe Souza Marques, o estrume dos animais é direcionado para produção de gás três vezes por dia. A propriedade possui dois biodigestores nos modelos “lagoa coberta”, que não possui sistema de recirculação de CO₂, e “mistura completa”, que juntos têm um potencial para 2 mil metros cúbicos de biogás por dia. No momento da visita, apenas um dos equipamentos estava ativo, desse modo o excesso de dejetos era encaminhado também para sete lagoas distribuídas na propriedade.

Segundo Marques, a energia gerada por estes equipamentos é de 2.5MW por dia, proporcionando uma economia da ordem de R\$ 20 mil por mês na propriedade. Como a Starmilk é conectada à rede de geração distribuída, ela injeta o excedente na rede e recebe créditos para abater do consumo.

Apesar dos dejetos de bovinos possuírem teores menos elevados de H₂S, a propriedade conta com um sistema de filtragem para utilizar o gás no gerador elétrico, que fica ligado 12 horas por dia na propriedade.

CiBiogás

O Centro Internacional de Energias Renováveis–Biogás é uma instituição científica, tecnológica e de inovação, constituído como associação sem fins lucrativos. Ele é formado por 16 instituições que atuam direta ou indiretamente em projetos relacionados às energias renováveis. Uma destas instituições é a FAEP.

Com sede no Parque Tecnológico de Itaipu, em Foz do Iguaçu, o CiBiogás conta com 11 unidades de demonstração em território nacional, onde o biogás é gerado em pequenas e médias propriedades rurais e cooperativas, localizadas principalmente no Oeste do Paraná, onde há grande produção de animais. Outra unidade está sendo construída no Uruguai e também há iniciativas para instalar uma planta de biogás no Chile, que utilizaria os resíduos da pesca do salmão para gerar biogás.



Giovani Patuzzo, da CiBiogás: economia na conta de luz

Leite e carne em pauta

Eventos técnicos acontecem durante a semana no Noroeste do Estado e nos Campos Gerais



As pecuárias de corte e de leite estarão em foco no Paraná ao longo desta semana. Dois eventos, em regiões distintas do Estado, irão reunir centenas de produtores em busca de capacitação e novas oportunidades de negócio.

Em Castro, nos Campos Gerais, acontece a Agroleite, entre os dias 16 e 20 de agosto. A programação do evento inclui palestras sobre soluções de gestão, tecnologia e mercado nas cadeias produtivas de pecuária leiteira, suinocultura, agricultura e ovinocultura, com especialistas do Brasil e do exterior. Paralelamente, acontecem fóruns sobre meio ambiente, batata e feijão, atividades com grande atuação da cooperativa Castrolanda, promotora da Agroleite.

Nesta edição, o americano Nathan Thomas, de North Lewisburg, Ohio, nos Estados Unidos, será o responsável pela avaliação dos animais da Raça Holandesa

P&B, V&B e Clube de Bezerras. Thomas conduziu o julgamento da Raça Holandesa em 2015 na World Dairy Expo, em Madison, no estado americano de Wisconsin. O brasileiro Cláudio André da Cruz Aragon irá conduzir a avaliação da Raça Jersey. Juntos, Thomas e Aragon irão definir a campeã suprema do Agroleite 2016.

Carne

No Noroeste do Estado, em Paranaíba, o Comitê Gestor Regional realiza, no dia 18 deste mês, uma série de palestras técnicas alinhadas com o Plano Integrado de Desenvolvimento da Bovinocultura de Corte no Paraná, conhecido como programa Pecuária Moderna, que tem na FAEP um dos idealizadores. O objetivo do encontro, o terceiro promovido em 2016, é capacitar os atores que compõem a ca-

deia da proteína na região.

“A pecuária de corte do Noroeste é bastante desenvolvida. Mas precisa colocar um pouco mais de tecnologia, diminuir a idade de abate e os intervalos entre partos e melhorar o rendimento de carcaça. Essas palestras, uma demanda dos próprios produtores, contribuem diretamente para esse avanço”, explica Carlos Costa, presidente do Comitê Gestor de Paranaíba. A região Noroeste reúne cerca de 35% do rebanho de corte do Paraná.

A programação inclui palestras sobre alianças mercadológicas e perdas econômicas por lesões em carcaças de bovinos. Ao término, haverá um espaço para discussão técnica.

A expectativa da organização é reunir 100 produtores. O evento irá acontecer nas instalações do IAPAR em Paranaíba, a partir das 14 horas. A participação é gratuita.



A UFPR e os hortigranjeiros

Entre os dias 9 e 10 de agosto, a FAEP, a Universidade Federal do Paraná (UFPR) e a empresa Souza Cruz promoveram, em Curitiba, evento sobre as cadeias produtivas de hortigranjeiros e do setor florestal. A programação do evento incluiu uma série de palestras e visitas técnicas durante os dois dias. O encontro reuniu representantes do SENAR-PR dos Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, Secretaria da Agricultura e Abastecimento (Seab), Agência de Defesa Agropecuária do Paraná (Adapar), Ceasa, Epagri, Associação dos Fumicultores do Brasil (Afabra) e da Câmara Setorial do Tabaco.

Agência de Desenvolvimento de Luxemburgo conhece o SENAR-PR

No dia 8 de agosto, representantes da Agência de Desenvolvimento de Luxemburgo (LuxDev) estiveram na sede do Sistema FAEP/SENAR-PR, em Curitiba, onde buscaram informações sobre o trabalho do SENAR-PR, com objetivo de prospectar possibilidades de cooperação internacional na área da educação profissional.

Participaram da reunião o diretor de expertise e qualidade do LuxDev, François Bary, o conselheiro técnico da entidade, Juan Buchet e o especialista em educação vocacional técnica, Alexis Hoyaux. Do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) participou Carlos Nunes da Silva. O gerente de planejamento do

SENAR-PR, Henrique Gonçalves e o gerente técnico do SENAR-PR, Eduardo Gomes, receberam a comitiva.



Visita a Itaipu

Na primeira semana de agosto, o presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR, Ágide Meneguette, o diretor financeiro da entidade, João Luiz Rodrigues Biscaia, e o diretor-executivo do Fundeprec, Ronei Volpi, realizaram uma visita técnica a Usina Hidrelétrica de Itaipu, em Foz do Iguaçu, no Oeste do Estado. Na ocasião, os executivos conheceram detalhes da construção da maior geradora de energia do mundo, administrada pelo Brasil e pelo Paraguai, e também detalhes de alguns dos programas de conservação da biodiversidade e de geração de energia limpa desenvolvidos pela companhia.

Ibiporã**Mandioca**

O Sindicato Rural de Ibiporã realizou, nos dias 13 e 14 de julho, o curso Produção Artesanal de Alimentos - beneficiamento e transformação caseiro de mandioca - básico em mandioca. Participaram 15 produtoras e trabalhadores rurais com o instrutor Sérgio Kazuo Kawakami.

Porecatu**Mulher Atual**

O Sindicato Rural de Porecatu promoveu, entre os dias 12 de maio e 21 de julho, o curso Mulher Atual. No último dia de atividade as participantes realizaram uma visita ao Lar de Idosos do município. Participaram 22 produtoras com a instrutora Zeila Maria Gomes Manchini.

Sertanópolis**Classificação de Grãos**

O Sindicato Rural de Sertanópolis realizou, no dia 7 de julho, o curso de Classificação de Grãos de Soja. Participaram 15 pessoas com a instrutora Ivonete Rasera.

Cianorte**Tratorista agrícola**

O Sindicato Rural de Cianorte promoveu, em sua extensão de base de Indianópolis, o curso de Tratorista Agrícola - Operação de Implementos (arado de disco, escarificador, grade, subsolador e cultivador). A iniciativa contou com a parceria do Centro de Referência da Assistência Social do município. Participaram 14 pessoas com o instrutor Lucas David Schemberger.

São Mateus do Sul



Motosserra

O Sindicato Rural de São Mateus do Sul realizou, entre os dias 18 e 22 de julho, o curso Operação e Manutenção de Motosserras. Participaram seis pessoas com o instrutor Emerson Massoqueto Batista.

Rondon



Piscicultura

O Sindicato Rural de Rondon realizou em sua extensão de base no município de Guaporema, nos dias 20 e 21 de julho, o curso de Trabalhador na Piscicultura - sistemas de cultivo. Participaram 13 pessoas com a Instrutora Janete Maria de Oliveira Armstrong.

Campina da Lagoa



Forragicultura

O Sindicato Rural de Campina da Lagoa realizou, em sua extensão de base em Altamira do Paraná, entre os dias 19 e 21 de julho, o curso de Trabalhador na Forragicultura - manejo de pastagens. Participaram 12 produtores rurais com a instrutora Karina Calil Caparoz.

Ortigueira



Tratores Agrícolas

O Sindicato Rural de Ortigueira promoveu, entre os dias 27 a 29 de julho, o curso Trabalhador na Operação e Manutenção de Tratores Agrícolas (tratorista agrícola) - NR – 31. Participaram nove produtores com o instrutor Antonio Carlos Lordani.

Cebolões

Que Big Ben, que nada! Os três maiores relógios do mundo estão na Ásia. O campeão é o Abraj Al-Bait, que fica no topo de um hotel em Meca, na Arábia Saudita, e tem 43 metros de diâmetro. Em segundo vem o do shopping Cevahir, em Istambul (Turquia). Ele está instalado na cúpula transparente do centro de compras, como uma claraboia com ponteiros, e mede 36 metros de diâmetro. A medalha de bronze é do relógio floral de Surat, na Índia, com seus 24,2 metros. Em quarto lugar aparece o representante brasileiro: o relógio da Central do Brasil, com 20 metros de diâmetro e instalado em uma torre de 135 metros de altura, na principal estação de trens do Rio de Janeiro.



Na árvore



- Você conhece aquela piada do burro que subiu na árvore?
- Não, como é?
- Desce daí que eu te conto...

Inconfidência

Quase ao mesmo tempo em que lidavam com a insubordinação dos brasileiros na Inconfidência Mineira, os portugueses enfrentavam levantes do outro lado do mundo. Em Goa, que na época fazia parte do Estado da Índia, militares naturais da região queixavam-se de perseguição étnica e buscaram a derrubada do domínio português. O episódio ficou conhecido como Inconfidência de Goa ou Conjuração dos Pintos – uma referência ao grupo de famílias ao qual eram ligados os líderes do movimento.

Goa e outros territórios na região, como Damão e Diu, continuaram sob poder português até a década de 1950. Sua anexação formal à Índia só ocorreu em 11 de agosto de 1961.



Pimentas estratégicas

Ao contrário do que a gente aprende na escola, os portugueses que chegavam ao Brasil no século XVI não estavam interessados apenas em pau-brasil. Eles apreciavam bastante as pimentas brasileiras, que lhes foram apresentadas pelos índios. Segundo estudo dos pesquisadores Christian Fausto, Fabiano Bracht e Gisele da Conceição, da Universidade Estadual de Maringá, as pimentas eram importantes para a sobrevivência dos marinheiros. É que os navegadores eram vítimas frequentes do escorbuto, doença causada pela falta de vitamina C – e as pimentinhas são ricas nessa substância. Uma única pimenta malagueta ou dedo-de-moça (ambas nativas do Brasil) tem seis vezes mais vitamina C que qualquer laranja!



Visitantes curiosos

A Ana Cláudia, mobilizadora do Senar no sindicato de São Mateus do Sul, envia essa foto dos passarinhos curiosos com a “viatura” da instituição.

Se você tiver uma foto curiosa, expressiva, mande para publicação pelo e-mail: imprensa@faep.com.br



Matança

Nos jogos de 1900, em Paris, a modalidade de tiro ao pombo era realizada com aves de verdade. Não era uma modalidade reconhecida e, por isso, não entra nas estatísticas dos jogos, embora tenha rendido medalhas de ouro ao britânico Donald Mackintosh e ao belga Léon de Lundel. Mais de 300 animais foram abatidos durante a competição. As reclamações foram tantas que, depois disso, eles foram substituídos por alvos de argila.



YMCA

Dois dos esportes coletivos mais apreciados nos Jogos Olímpicos têm uma origem comum. Basquete e vôlei foram criados em ginásios da Associação Cristã de Moços (ACM, ou YMCA na sigla em inglês), um movimento nascido no fim do século XIX com o objetivo de estimular os jovens a seguir um estilo de vida saudável.

O basquete foi criado para distrair um grupo de jovens considerado “terrível”, e usava originalmente uma bola de futebol e cestos – usados na colheita de pêssegos – pendurados em postes. Já o vôlei foi pensado para grupos de pessoas de mais idade, que desejavam uma prática esportiva com pouco contato físico.



Olimpíadas



Apesar do uso popular ter se encarregado de transformar “Jogos Olímpicos” e “Olimpíada” em uma coisa só, as expressões têm significados diferentes. Olimpíada se refere, segundo o costume estabelecido pelos gregos na Antiguidade, ao período de quatro anos que separa cada edição dos jogos. Por isso mesmo, o nome oficial das competições que estão ocorrendo no Rio de Janeiro é “Jogos da XXXI Olimpíada”.

A piada mais engraçada

A revista Seleções, que tem edições em diversos países, fez um concurso com seus leitores para escolher as piadas mais engraçadas do mundo. Seguem-se algumas das escolhidas:

Croácia

Preocupado, um policial se aproxima do menino que chora diante da banca de jornais.

- O que aconteceu? – pergunta.
- O Super-homem ainda não saiu! – lamenta o menino.
- Eu cuido disso – garante o guarda. – Ei, Super-homem!
- grita. – Pode sair! Ninguém vai machucar você!

Filipinas

Joe, Mike, Mary e Tom conversam sobre a profissão que sonham ter.

- Eu queria ser advogado – começou Joe – para defender meus conterrâneos.
- Eu queria ser parlamentar – disse Mike –, porque criaria leis para beneficiar meus conterrâneos.
- Eu queria ser médica – disse Mary – para cuidar dos meus pobres conterrâneos.
- E você, Tom? O que gostaria de ser? – perguntou Joe.
- Eu queria ser conterrâneo – respondeu Tom.

Hungria

- Seguiu o meu conselho e dormiu de janela aberta? – pergunta o médico.
- Segui – responde o paciente.
- E a asma desapareceu?
- Não, mas o relógio, a TV, o iPod e o laptop sumiram.

Suécia

Numa caçada pelo interior, um homem bem-vestido de Estocolmo mira e derruba um pato selvagem. Mas a ave cai no terreno de uma fazenda, e o fazendeiro diz que é dele.

- O pato é meu – protesta o cidadão.
- Como ninguém cede, o fazendeiro sugere resolver o problema à moda antiga:
- Com o pontapé caipira.
- O quê?
- Eu lhe dou um chute bem forte na virilha, depois você faz o mesmo comigo. Quem de nós dois gritar menos leva o pato.
- O homem bem-vestido concorda.
- Então o fazendeiro se prepara e dá um pontapé daqueles nas “partes íntimas” do outro, que cai no chão e fica ali por uns vinte minutos. Quando consegue se levantar, diz, ofegante:
- Agora é minha vez.
- Nada disso – protesta o fazendeiro, se afastando. – Você pode ficar com o pato!



Endereço para devolução:
Federação da Agricultura do Estado do Paraná
Av. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar
CEP 80010-010 - Curitiba - Paraná

EMPRESA BRASILEIRA DE
CORREIOS E TELÉGRAFOS



- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Mudou-se | <input type="checkbox"/> Falecido |
| <input type="checkbox"/> Desconhecido | <input type="checkbox"/> Ausente |
| <input type="checkbox"/> Recusado | <input type="checkbox"/> Não procurado |
| <input type="checkbox"/> Endereço insuficiente | |
| <input type="checkbox"/> Não existe o nº indicado | |
| <input type="checkbox"/> Informação dada pelo porteiro ou síndico | |

REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em / / _____
Em / / _____ Responsável

SISTEMA FAEP



SISTEMA FAEP/SENAR-PR

FAEP - R. Marechal Deodoro, 450 | 14º andar | CEP 80010-010 Curitiba | Paraná |
F: 41 2169-7988 | Fax: 41 3323-2124 | www.sistemafaep.org.br | faep@faep.com.br
SENAR - R. Marechal Deodoro, 450 | 16º andar | CEP 80010-010 Curitiba | Paraná |
F: 41 2106-0401 | Fax: 41 3323-1779 | www.sistemafaep.org.br | senarpr@senarpr.org.br

A versão digital deste informativo
está disponível no site:

sistemafaep.org.br